

VOCÊ É O DETETIVE



POR MAUREEN JOHNSON & JAY COOPER

 FARO
EDITORIAL

VOCÊ É O DETETIVE

O ASSASSINATO DA MÃO RASTEJANTE

Um mistério para você resolver

MAUREEN JOHNSON & JAY COOPER

TRADUÇÃO: ADRIANA KRAINSKI



ROMANCISTA AMERICANO ASSASSINADO

O escritor foi esfaqueado em uma sala lotada

NINGUÉM VIU NADA!

O romancista americano Roy Peterson, conhecido pelo livro *A lata de Henderson*, foi assassinado ontem à noite em Mayfair. Peterson foi morto com uma facada durante um sarau. Segundo os presentes, ninguém se aproximou dele em nenhum momento da noite. Ele estava sentado numa poltrona perto da lareira, sozinho, e parecia dormir. Foi somente com a chegada da polícia, alertada por uma carta anônima, que descobriram que o sr. Peterson estava morto. A arma do crime foi encontrada debaixo de sua cadeira. Como um homem pôde ser esfaqueado em uma sala cheia de gente sem que ninguém se aproximasse, sem que ninguém visse nada? O crime parece sobrenatural e espalhou medo por Londres.



Foto publicitária sem data de Roy Peterson com um de seus muitos gatos

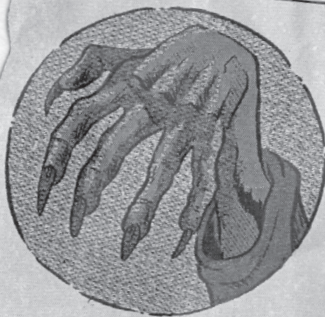
ASSASSINATO DEIXA POLÍCIA SEM PISTAS

As autoridades estão perplexas diante do crime impossível

A polícia segue perplexa diante do aparentemente impossível assassinato ocorrido na rua Tootley Row, número 19. O romancista americano Roy Peterson foi esfaqueado na frente de outras seis pessoas. Todas afirmam não ter se aproximado da vítima e garantem que ninguém mais o fez. Apenas uma força sobrenatural, como uma mão que se arrastasse sorrateiramente pela sala, poderia ter empunhado a faca. Surgiram relatos de uma sessão espírita que teria dado errado, além de práticas demoníacas na casa, que pertence ao “artista e poeta ocasional” Ambrose Belvoir. “Tem um pessoal muito esquisito por lá”, declarou a vizinha sra. Henrietta Doome. “Pessoas estranhas vêm e vão daquela casa o tempo todo. Ele usa ternos verdes! Esse assassinato não me surpreende em nada.” Muitos já chamam o caso de “O Assassinato da Mão Rastejante”, pois tudo indica que apenas uma mão descarnada poderia ter cometido o ato.

CASO DA MÃO RASTEJANTE SEGUE SEM SOLUÇÃO

SOCIEDADE EXIGE RESPOSTAS SOBRE MORTE BIZARRA



Não há novidades no caso do assassinato de Roy Peterson. “Já avançamos bastante em nossa investigação”, declarou o detetive-chefe inspetor Harold Jensen, da Scotland Yard. “Não vamos parar até chegar ao final desta história. E não, não houve fantasma algum. Não existe nenhuma mão assassina rastejando pelas ruas de Londres. Por favor, parem de nos ligar com relatos de avistamentos.”

NEW SCOTLAND YARD

LONDRES, SW1

Telefone:

Whitehall 1212

6 de janeiro de 1934

Caro detetive,

Tenho certeza de que o senhor já leu sobre o assassinato da mão rastejante, que tem dominado as páginas dos jornais nas últimas semanas. Devo confessar-lhe, em particular, que estamos sem pistas. Colocamos nossos melhores investigadores no caso. (O próprio Spilsbury chegou a se interessar!) Não chegamos a nenhuma conclusão, e estamos sendo pressionados por todos os lados.

Venho, pois, solicitar ao senhor que analise o caso e nos indique o que consegue extrair desta situação tão desconcertante. Em anexo, o senhor encontrará um resumo, o conteúdo de nossos arquivos e outros materiais relevantes. Incluí também minhas anotações pessoais e observações junto às imagens.

Aguardo ansiosamente sua opinião. Talvez o senhor seja a única pessoa capaz de solucionar este assassinato. Trata-se, evidentemente, de um assunto confidencial, portanto, peço que tome as devidas precauções.

Atenciosamente,

Harold Jensen

Detetive-chefe inspetor
da Polícia Metropolitana



Fotografia da rua Tootley Row, nº 19, tirada em 27 de novembro, às 23h52.

O assassinato ocorreu na sala de estar, que é o cômodo com as cortinas fechadas.

CÓPIA

New Scotland Yard

29.11.33

Para: Detetive inspetor-chefe Jensen,
Divisão Especial

CONFIDENCIAL

A rua Tootley Row fica perto da delegacia, portanto, cheguei lá em poucos minutos. Conferi o horário quando cheguei à porta. Eram 22h55. Bati, e após

uma longa espera, fui atendido por um homem de roupão vermelho e cabelos longos. Perguntei seu nome e se era o proprietário do imóvel. Ele confirmou que sim, e disse chamar-se Ambrose Belvoir. Pedi desculpas por incomodá-lo, mas ele disse: "Ora, de forma alguma, meu caro! O senhor deve ser o último fantasma da noite. Entre, entre.

Estamos nos divertindo muito".

Entrei no hall e expliquei que a polícia havia recebido informações de que alguém naquele endereço estava em apuros. "Bem", disse ele, "estamos sem gelo. A polícia aparece por causa disso?".

Respondi que distribuição de gelo não estava entre nossas atribuições.

"Que pena", disse ele. "Que mundo maravilhoso seria se a polícia saísse por aí distribuindo gelo. Que fantástico. Mas entre, entre. Aqueça-se. Junte-se às assombrações."

Um homem estranho, com todo o respeito, senhor.

Fui conduzido a uma sala de estar grande e sombria. Cortinas fechadas, lareira acesa ao fundo. A sala estava decorada com o que alguns chamam de arte, senhor, mas eu não conseguia entender nada daquilo. Parecia o tipo de coisa que minha filhinha Millie desenhava quando teve caxumba e ficou febril. Gosto de uma boa obra de arte, senhor, como um quadro com paisagem do mar ou aquele retrato que Whistler fez da sua mãe, mas não desta espécie de lixo.

Havia seis pessoas na sala e, ao contrário do sr. Belvoir, nenhuma delas pareceu achar graça na presença de um policial. Descriverei como as encontrei, percorrendo a sala no sentido horário. Na poltrona à minha esquerda, havia uma senhora muito bonita, de cabelos louros, usando um vestido e chapéu pretos. Ela parecia prestes a se enfiar entre as almofadas da cadeira de tanto medo. No sofá ao lado dela, havia uma mulher robusta, de aparência honesta, do tipo prestativo, eu diria. Ao lado dela, numa poltrona perto da lareira, havia um homem de terno de tweed, profundamente adormecido. Do outro lado da lareira, em frente a ele, uma mulher vagamente familiar, torcendo as mãos de

preocupação. No sofá ao lado dela, um cavalheiro de fino trato. E então, na poltrona à direita de onde eu estava, um sujeito de má fama, se bem sei reconhecer. Bonito, mas do tipo que se deve vigiar quando há mulheres por perto.

Ocorreu-me que havia algo estranho naquele grupo. Alguns pareciam pertencer à turma jovem e animada, como o sr. Belvoir, a mulher loura e o rapaz bonito. Mas havia também a mulher que vim a saber ser a cozinheira, e o homem mais velho que descobri ser um Lorde, e a mulher ansiosa perto da lareira que não parecia tão refinada quanto alguns dos outros. E havia ainda o homem adormecido, que tinha a aparência de um universitário. Uma reunião estranha, senhor. Pensei a princípio que pudesse ser uma sessão espírita. Minha esposa, Imogen, já foi a três delas e diz que aparece gente de todo tipo e você fica sentado em silêncio em uma sala escura e conversa com fantasmas, e o sr. Belvoir havia mencionado assombrações. Devo admitir que fiquei satisfeito, senhor, pois gostaria muito de presenciar algo assim. Mas, evidentemente, estava à serviço e não havia ido até lá para ver pessoas conversando com fantasmas, então foquei no assunto em questão.

Expliquei o motivo da minha visita, mencionando a carta que falava em assassinato, o que caiu como uma bomba em todos, exceto no sr. Belvoir, que bateu palmas de alegria. Perguntei se alguém na sala havia escrito a carta. Todos

responderam que não. "Deve ter sido alguém com um excelente senso de humor", disse o sr. Belvoir. "Talvez um amigo meu achando que estava sendo engraçado." Respondi que não havia nada de engraçado em desperdiçar o tempo da polícia.

Perguntei se havia mais alguém na casa. O sr. Ambrose disse que não, pois seu criado havia saído à noite. Pedi permissão para dar uma olhada ao redor e o sr. Belvoir pareceu mais do que satisfeito em atender. Comecei pelo hall em frente à sala de estar, que estava num estado lamentável, com objetos estranhos espalhados por todo lado. Abri a porta da sala de jantar, que continha exemplares ainda mais chocantes desse disparate que chamam de arte. (Peço desculpas, senhor, mas eram monstros devorando pessoas e coisas do gênero. E estamos falando de pessoas que eu achava que conversavam com fantasmas. Não tenho medo de fantasmas, senhor, mas acho que se deve ter respeito por eles, e admito que aquilo começou a me preocupar num lugar como aquele.) Examinei também o banheiro.

Todos esses cômodos estavam vazios. Fui também ao andar de cima, onde encontrei quartos e um vestiário igualmente vazios. Ninguém estava escondido lá.

O sr. Belvoir me levou ao andar inferior, à cozinha e às dependências de serviço, que também estavam vazias. Esses, ao menos, eram cômodos apreciáveis. No entanto, um dos vidros da janela da cozinha, perto da trava, estava

quebrado, e havia cacos na pia. Perguntei ao sr. Belvoir se ele sabia que uma janela estava quebrada. "Nunca venho aqui embaixo", disse ele. "Este é o território do George. Eu mal sabia que tinha uma cozinha."

Ao subir de volta, estava prestes a ir embora quando espiei pela porta da sala de estar. O grupo conversava em voz baixa entre si e parou assim que me viram na entrada. Todos, exceto um. O homem perto da lareira não estava acordado nem conversando. Havia algo nele, na forma como sua posição não havia mudado nem um pouco, que chamou minha atenção. Perguntei quem era.

"É o Peterson", disse o sr. Belvoir. "Um famoso romancista americano. Bebeu um pouco mais do que devia para se aquecer, temo dizer. Está dormindo desde a metade do nosso encontro." O sr. Belvoir chamou o homem, foi até ele e o sacudiu pelo ombro. O homem na poltrona tombou para o lado, sem se mexer. Aproximei-me do sr. Peterson e tentei acordá-lo, mas quando me aproximei, pude ver imediatamente que algo estava errado. Ele não se movia. Coloquei a mão em seu peito para ver se havia algum sinal de respiração. Nada. O sr. Peterson estava morto. Minha mão roçou algo úmido em seu lado esquerdo, e quando a retirei, vi sangue nos meus dedos.

Alguns dos presentes se aproximaram para ver o que estava acontecendo. Informei que o sr. Peterson havia falecido e pedi que recuassem. Com isso, começaram os gritos e o caos se instalou na

sala. Ordenei com mais firmeza que todos voltassem aos seus lugares e não se aproximassem do corpo. Disse ao sr. Belvoir que telefonasse para a delegacia. Ele saiu da sala para usar o telefone do hall.

Recuei para não tocar no corpo. Nisso, notei algo embaixo da cadeira. Era um picador de gelo, coberto de sangue. Notei também, ao olhar na direção da lareira, os restos parcialmente queimados de uma carta, que claramente havia sido jogada no fogo havia pouco, pois consegui retirá-la com o atizador. Era uma carta anônima, pude ver, com letras recortadas.

Quando o sr. Belvoir voltou, exigi saber a natureza da reunião e o que era aquela sessão espírita que havia terminado com um homem morto. A princípio, o grupo se calou e todos se entreolharam nervosos, até que a mulher posteriormente identificada como Vita Simpson exclamou: "Precisamos contar a ele!". O homem mais velho, identificado como Lord Chomley, disse: "Silêncio, maldição!".

"É uma brincadeira divertidíssima, mas saiu do controle", disse o homem identificado como Felix Darlington. "Veja bem, recebemos essas cartas. Anônimas, sabe. Uma coisa horrível. E nos disseram para vir até aqui."

Ele tirou uma carta do bolso e me mostrou. Era um bilhete instruindo-o a comparecer à rua Tootley Row, nº 19. Logo constatee

que todos na sala haviam recebido bilhetes semelhantes, cada um especificando um horário de chegada, com dez minutos de intervalo entre cada um. Devo dizer, senhor, que me senti aliviado com isso. Sei lidar com cartas. Muito melhor do que com fantasmas assassinos.

Evidentemente, perguntei sobre a movimentação de cada um. Todos foram categóricos ao afirmar que ninguém havia se aproximado do sr. Peterson em momento algum da noite. "Então como explica o fato de ele estar aqui, assassinado, com um ferimento no corpo e a arma no chão?" Ninguém soube responder.

Recolhi todas as cartas e bilhetes. Nesse momento, outros policiais chegaram, entre eles o senhor. Continuei meu trabalho sob suas ordens.

Este é o relato dos acontecimentos daquela noite.

A seu dispor,

Reginald Wilkins

Reginald Wilkins, Policial

O GREEN CAT



*Alvenaria
e Lápides*

Tootley Row, nº 19



ALFAIATE

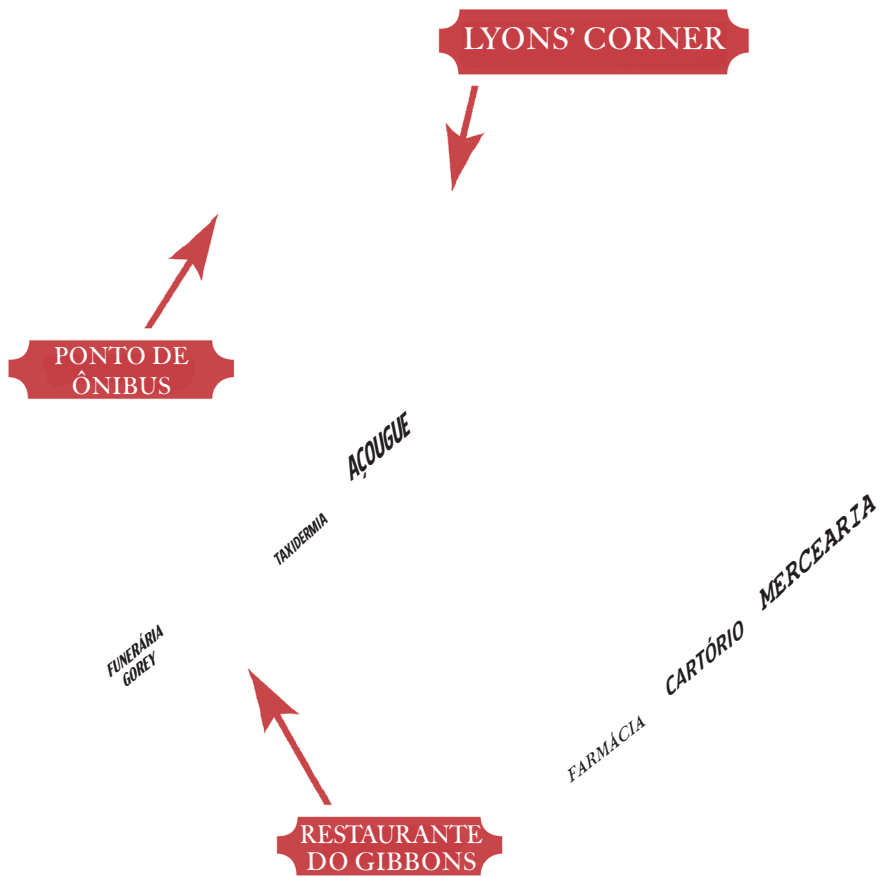
ALFAIATE

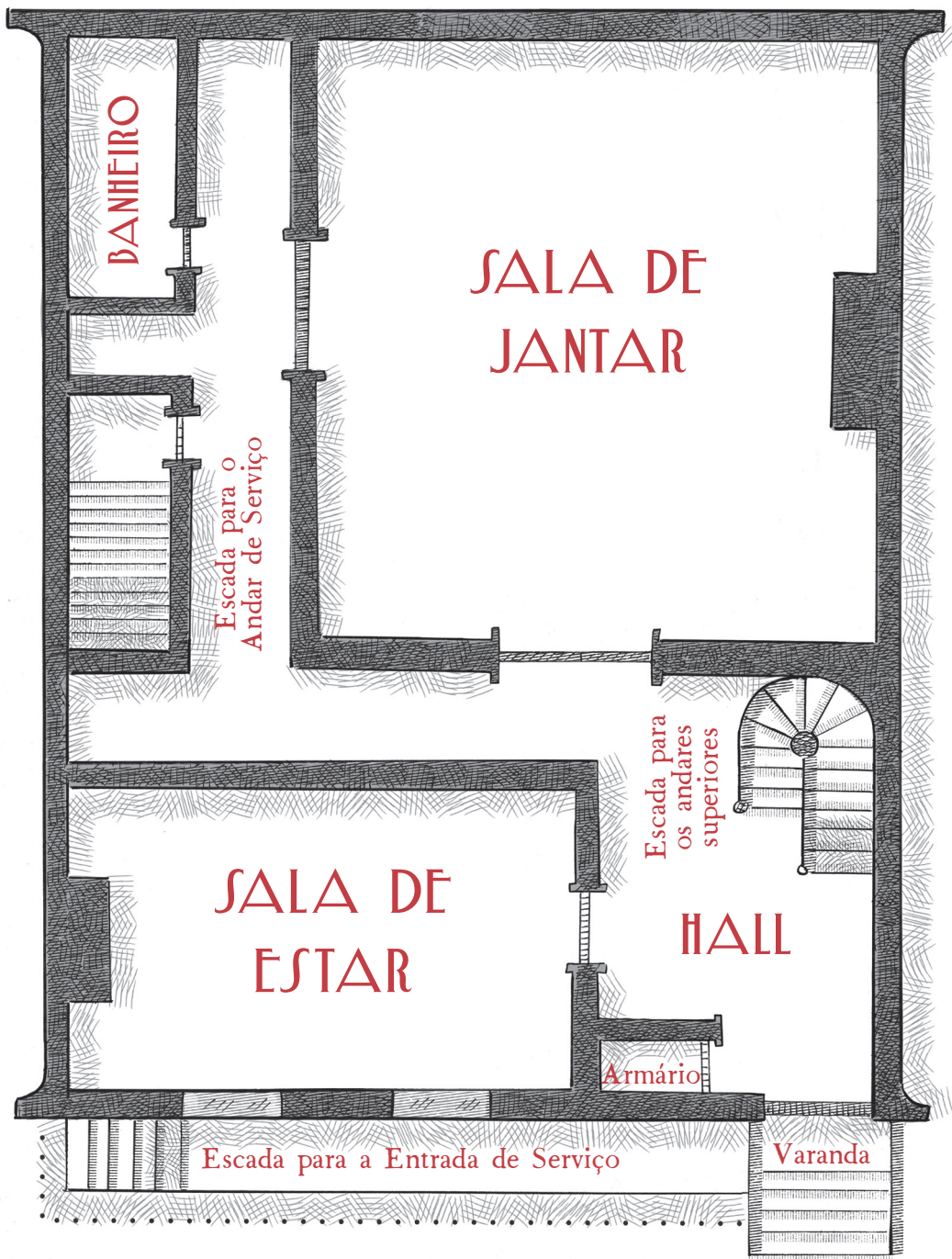


BARBEARIA

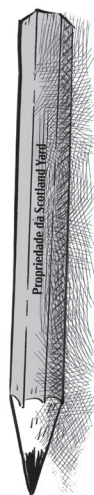
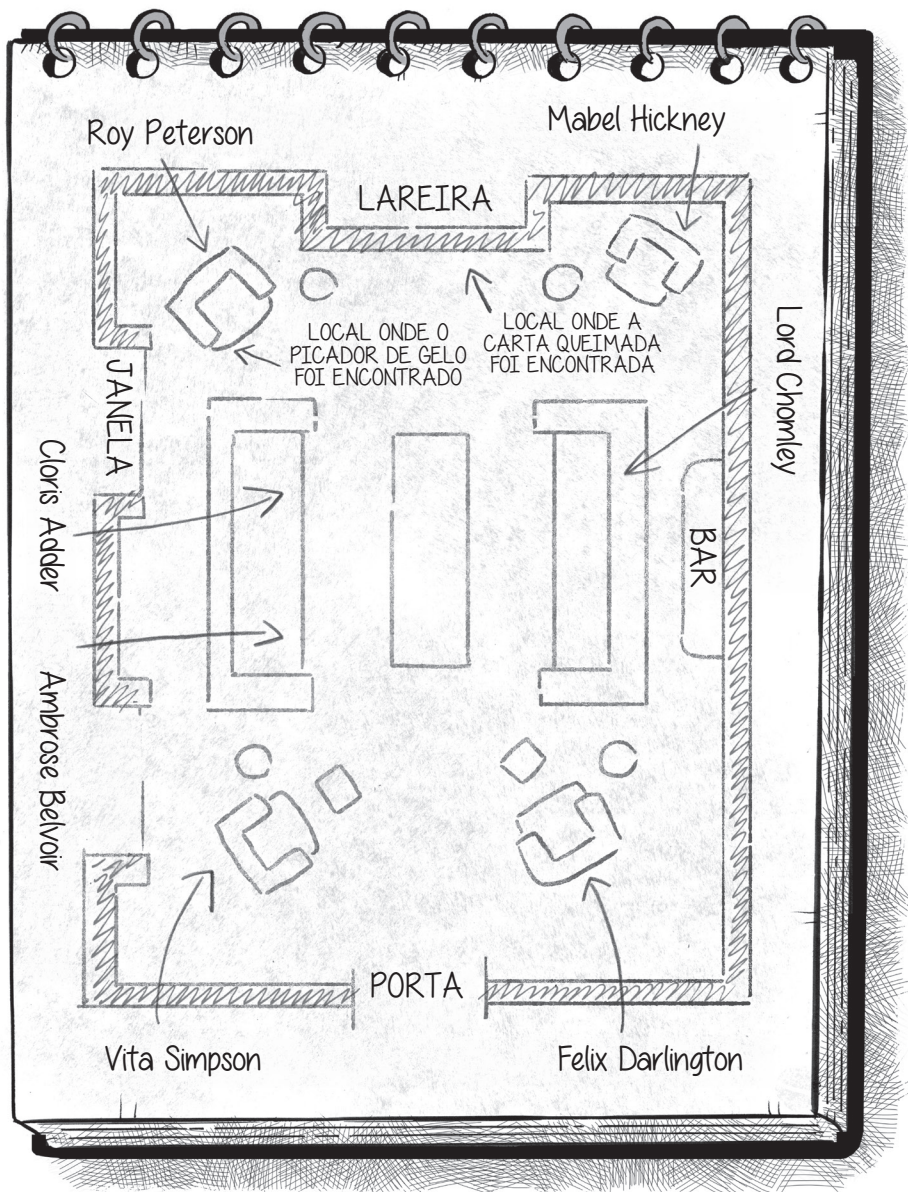
Mapa da área ao redor da Tootley Row, nº 19, com os locais relevantes para os deslocamentos da vítima e demais envolvidos no caso.

LIVRARIA GRÁFICA





Planta do andar principal – Rua Tootley Row, nº 19.



Anotações de Wilkins sobre a cena tal como a encontrou.